



DESTRUIR O VELHO PARA CONSTRUIR O NOVO

COLECÇÃO RESISTÊNCIA

Texto N.º 7

Destruir o Velho para Construir o Novo

Alocação do Camarada Presidente
Agostinho Neto na cerimónia de
Juramento de Honra dos agentes
qualificados pela 1.ª Escola de Alistados
de 1976, do C.P.P.A.

26 de Junho de 1976

I N T R O D U Ç Ã O

O povo angolano dirigido pela sua vanguarda o MPLA, acaba de enfrentar vitoriosamente uma guerra de agressão imperialista. Batido no campo militar, o inimigo procura novas e mais subtis formas de actuação para se opor às vitórias cada vez maiores, alcançadas pelas massas populares. É através da agitação no seio dos trabalhadores, da fomentação do tribalismo e do racismo, da sabotagem do Poder Popular e da sabotagem económica que o inimigo procura opor-se ao avanço da nossa luta.

As massas populares, organizadas em torno da sua vanguarda, o MPLA, constituem a força motriz da nossa Revolução. Todavia, para que elas possam cumprir a tarefa histórica, que lhes está destinada, é indispensável, que os militantes da nossa Organização, tenham como preocupação dominante aumentar a sua formação política e ideológica para melhor servirem os interesses das massas populares.

O Departamento de Orientação Política, com a colecção «Resistência» pretende contribuir decisivamente para a tarefa da educação política e

ideológica das massas militantes. Aos militantes mais conscientes, e melhores esclarecidos, caberá estudar os textos aqui editados e levá-los ao conhecimento das massas, seja nos grupos de acção, nas Comissões de Bairro, nas Comissões de Trabalhaderes, etc., para aí se discutir profundamente o seu conteúdo.

O DOP

Camaradas :

As minhas felicitações aos agentes qualificados pela 1.ª Escola de Alistados de 1976, do Corpo da Polícia Popular de Angola.

As minhas felicitações a todos os oficiais do CPPA, aos instrutores, a todos os responsáveis superiores das FAPLA que têm dado o melhor do seu esforço para realizar no nosso querido País o clima de segurança necessário à tranquilidade, ao progresso, à efectivação da nossa política progressiva.

As minhas felicitações também aos outros órgãos da Defesa, pelo trabalho já feito, tantas vezes difícil, incompreendido e diminuído pela inexperiência e pelo actual fraco enquadramento de todo o corpo de acção preventiva no esquema político geral do País.

Estendo portanto, as minhas felicitações aos camaradas da DISA, da ODP, da Polícia Militar, da Polícia Judiciária, que têm contribuído, ao longo do País, para que encon-

tremos o ambiente necessário ao desenvolvimento do povo angolano.

Cabe aos organismos de Defesa, como o CPPA e aos outros integrados nas FAPLA, em geral, um dever revolucionário particular.

Cada elemento dos organismos de defesa assume o compromisso de defender o povo. Assume o compromisso de, pela prevenção ou pela repressão, impedir que a tranquilidade do nosso País seja afectada nesta ou naquela zona.

Este dever será exercido com coragem, com firmeza, com serenidade, a fim de eliminar da nossa sociedade as ideias e as atitudes reaccionárias, criminosas ou desmobilizantes, e a fim de neutralizar os elementos nocivos da sociedade.

Espero por isso que os camaradas saídos desta 1.ª Escola de Alistados de 1976, do CPPA, possam de facto cumprir a sua missão protegendo o povo angolano.

FACE ÀS INCOMPREENSÕES

Os organismos de defesa são muitas vezes objectos de ataques, de desprezo, de incompreensão, porque existe uma tradição de organismos burgueses e colonialistas que servem naturalmente a sua classe e não defendem o povo, não defendem as classes em ascensão, não defendem a revo-

lução. Eles servem sim de instrumentos de opressão. Tais são os polícias e exércitos que servem o sistema capitalista.

E ao ouvir-se geralmente a palavra polícia ou a palavra segurança, é normal que se desencandeie em alguns reflexo de repulsa.

Mas no nosso País, o agente da polícia é um defensor do povo, é um defensor da revolução, completamente identificado com os interesses essenciais da Nação. Tem de ser um revolucinário. E isso é demonstrado na sua acção prática, no seu comportamento diário, na sua atitude perante o povo.

E se o seu comportamento for digno, revolucionário, a criança que carece de protecção, a mulher em dificuldades, o homem sem refúgio ou velho confiante nos destinos da Pátria, recorrerão ao agente, para que ele possa resolver alguns dos seus problemas.

VALORIZEMOS OS ASPECTOS POSITIVOS DO COMBATE CONTRA AS CARÊNCIAS

Por vezes, camaradas, e em todos os sectores, o nosso trabalho carece de perfeição, carece de conteúdo, carece de ser inserido na actividade geral. As carências são o fruto de uma colonização de cinco séculos. São resultado de uma alienação

do povo e de uma incompreensão política e ideológica do MPLA.

E se falo das carências, é porque temos sentido em alguns dos nossos activistas políticos, uma tendência a hipertrofiar essas mesmas carências, confundindo os objectivos da nossa luta revolucionária com a necessidade de destruir.

A nossa luta é no entanto, não só a necessidade de **destruir o velho** mas também e essencialmente para **construir o novo**. A nova sociedade necessita de ser construída em vários aspectos, inclusive no que respeita á formação dos seus elementos humanos.

Atacar, destruir, não é o mais difícil. Formar, agir positivamente, é o mais complicado.

Desejo por isso dizer-lhes, camaradas, que se esforcem por ultrapassar as nossas carências, valorizando suficientemente os aspectos positivos.

O VETO AMERICANO DAS NAÇÕES UNIDAS

Esta cerimónia permite-me exprimir algumas opiniões sobre duas ou três situações que estamos a viver no campo internacional e nacional.

Como os camaradas já sabem, um país reaccionário, Gangster internacional — os Estados Unidos da América do Norte — vetaram, impediram a nossa admissão na Organização das Nações Unidas, com a cumplicidade de um outro País — a China.

O nosso pedido de admissão na Organização das Nações Unidas foi apresentado de acordo e conforme as regras internacionais.

A República Popular de Angola é um País independente e soberano que tem o direito e o dever de estabelecer relações de amizade e de cooperação com todos os países do mundo; que tem o direito ao convívio internacional, tanto mais que a maior parte dos países independentes do mundo reconhecem o Estado e o Governo angolano.

Como resultado da oposição de certos Estados contra o progresso e contra a paz, o mecanismo das Nações Unidas permite que um Estado como o nosso não seja admitido nas Nações Unidas.

O pretexto é a presença aqui em Angola de camaradas da República Socialista de **Cuba**.

Argumento ridículo. Pois que os próprios EUA mantêm bases militares em vários países.

É curioso notar que ao mesmo tempo que os EUA vetaram a entrada da República

Popular de Angola na ONU, o senhor Kissinger encontra-se na Alemanha com Vorster e num momento em que na República da África do Sul, dominada pelos racistas brancos, assassina centenas de estudantes negros numa sucessão de massacres impiedosos e vergonhosos, ao mesmo tempo que reprimem as reivindicações populares e mais uma vez demonstram a sua incapacidade de conviver com os outros povos. E a África do Sul é membro da ONU.

Onde reside o problema?

O problema é que os Estados Unidos foram derrotados em Cuba. Todas as suas tentativas de dominarem aquele país falharam. Todas as tentativas de subversão falharam. Cuba é hoje um país independente, soberano, socialista, praticando consequentemente uma política internacionalista.

O problema é que os agentes dos EUA, como a África do Sul e outros, e todos os seus fantoches outrora instalados no interior do nosso País, foram derrotados. Foram derrotados pelo povo angolano e graças a uma cooperação estreita, graças a uma solidariedade que ultrapassa o puro formalismo, entre a República Socialista de Cuba, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a República Popular de Angola.

Várias derrotas inquietam os imperialistas, várias derrotas são o desprestígio para o

gendarme internacional, recrutador de mercenários e de agentes da subversão.

Somente, na sua inquietação, os EUA descontrolaram-se. Eles bem sabem que dentro de mais algum tempo a República Popular de Angola será admitida na ONU, quer os EUA queiram, quer não.

ANGOLA E CUBA

Já foi várias vezes repetido, e o nosso bom amigo Comandante Fidel de Castro o afirmou, existe uma fraternidade de sangue entre Cuba e Angola. Os milhares de homens e mulheres transportados para Cuba há centenas de anos, geraram filhos que não puderam esquecer os laços que os unem aos seus irmãos africanos. Esses mesmos homens e mulheres encontram afinidades ideológicas com os seus irmãos do nosso Continente e não foi difícil estabelecer as bases políticas e sentimentais para uma cooperação estreita.

Os nossos laços reforçar-se-ão. Ninguém nos pode impedir nada na nossa vida interna ou nas nossas relações com os outros povos.

Ninguém tem o direito de nos dizer quem pode entrar ou sair de Angola, como querem os Estados Unidos.

O problema é que nós, os Angolanos, não cortaremos relações com Cuba por causa das pretensões americanas. Pelo contrário, vamos reforçar as nossas relações de amizade com Cuba. E espero que os camaradas Cubanos compreendam a nossa amizade e desejo de cooperação estreita.

MOÇAMBIQUE-ANGOLA : RESPOSTA ÀS MANOBRAS IMPERIALISTAS NAS FRONTEIRAS

Talvez possamos compreender as coisas se dissermos que junto das nossas fronteiras, em territórios vizinhos, estão a movimentar-se forças militares e daí partem homens armados para dentro do nosso País, homens que vão formar os grupos de bandoleiros para massacrar populações e destruir os seus bens.

Talvez este facto nos ajuda a compreender certas exigências orquestradas a partir de Washington.

Mas por outro lado nem tudo é mau e podemos referir-nos a algo de positivo. Ontem foi possível festejar a Independência de um povo irmão. A Independência de Moçambique.

Em Angola há uma estima muito particular pelo povo moçambicano, pela FRELIMO, pelo seu Presidente o camarada Samora

Machel, em virtude da semelhança entre o processo revolucionário seguido, entre as vias escolhidas para o progresso dos respectivos povos.

Consideramos o povo irmão de Moçambique, como o povo em África que conquistou das maiores vitórias contra o colonialismo, contra o imperialismo e contra o racismo.

Com Moçambique, nós festejamos a Independência da África, a possibilidade de progresso, a marcha para o tipo de sociedade que desejamos.

Mas, camaradas, não me vou afastar mais do tema principal deste contacto com os agentes qualificados do CPPA, no seu dia de honra. Vamos voltar para os nossos problemas internos, para a observação do que vai entre nós.

E antes de mais, quero sublinhar aqui a grande expectativa em volta das eleições para alguns organismos do Poder Popular, na cidade de Luanda.

AS ELEIÇÕES PARA AS C. P. B. EM LUANDA

Esperamos amanhã, pela primeira vez em Angola, votar democraticamente. Esperamos ver o nosso Povo manifestar-se claramente pelas opções políticas determinadas pela nossa vanguarda revolucionária, o MPLA.

Esperamos que o povo diga a sua opinião sobre a instauração do Poder Popular no nosso País.

Durante a campanha local para as eleições, algumas opiniões foram emitidas, quase todas acertadas, mas revelando a necessidade de uma maior actuação por parte dos organismos dirigentes.

E esta constatação leva-me a dizer que não devemos conduzir este acto eleitoral como um ponto de partida para incompreensões injustificadas.

É completamente claro para nós, que a luta actual do povo angolano, é travada para a consolidação do poder político, para a conquista da sua independência económica, é travada ainda no sentido de organizar as classes trabalhadoras para poderem assumir a direcção do País.

E devemos interpretar bem o que significa assumir o poder.

O QUE SIGNIFICA «ASSUMIR O PODER POPULAR»?

Alguns dos nossos compatriotas pensam que assumir a direcção do País é colocar no Governo ministros mais ou menos escuros, que é proteger os que em palavras parecem os melhores, que é satisfazer as ambições dos homens de mais prestígio ou popularidade do seu bairro.

No entanto, assumir a direcção do País quer dizer colocar nas mãos das classes exploradas a direcção do País. E essas são as classes operária e camponesa. E os indivíduos que assumem essa responsabilidade, devem estar permanentemente ao serviço das classes a que ele deve servir.

O Poder Popular é uma força dinâmica de integração. O Poder Popular é a direcção do País pelo proletariado, por aqueles que produzem e foram os mais explorados na era colonialista. É a forma justa de impor a justiça para todas as classes, de unir o povo, de fazer participar o povo no processo revolucionário da Nação, sob a direcção desse mesmo proletariado. Nas nossas condições, a instauração do Poder Popular deve caracterizar-se por uma clara posição revolucionária que exclua por completo o preconceito racial, ou regional ou tribal. Deve decididamente voltar-se para a unidade nacional, sob a direcção dos trabalhadores do campo e da cidade — os operários e camponeses.

Por vezes, camaradas, o poder corrompe. O indivíduo saído de uma sociedade dominada por preconceitos e pela ditadura do colonialismo, pode corromper-se facilmente, pode transformar-se simplesmente num executor de ordens, ou num repetidor de de afirmações, e não ter em si uma verda-

deira consciência revolucionária. Tenhamos em consideração este aspecto.

QUAL O OBJECTIVO DA NOSSA ACÇÃO

E vamos como sempre utilizar as interrogações para analisar o estágio da nossa luta.

De que necessitamos agora?

Qual é o objectivo da nossa acção?

Quais são as dificuldades?

E vamos ver: Em primeiro lugar, as nossas fronteiras ainda estão cercadas pelo inimigo. A Norte e a Sul, e penso que também a Leste há tropas inimigas que nos cercam, que ajudam a infiltrar inimigos no nosso País.

Não devemos esquecer este aspecto, que é dos mais importantes para não nos deixarmos entusiasmar, navegando nas nuvens, para que tomemos cada medida, cada posição, de acordo com a realidade material do País e do Povo. Quer dizer que não podemos afastar da nossa mente, a necessidade do combate físico contra os inimigos que nos maltrataram nos muceques de Luanda, que bombardearam com morteiros os bairros das cidades, que invadiram as nossas fronteiras a Norte e ao Sul.

Num exemplo breve poderei ser mais explícito : É preciso que, ao agir em Luanda, ao votar, tenhamos em consideração o que se passa no resto do País. Vamo-nos agarrar ao concreto, pensando mas valorizando o concreto. Pensando que votar em Luanda, trabalhar numa fábrica, em cada acto essencial da nossa vida, estarmos condicionados ao País.

GARANTIR O PODER AOS CAMPONESES E OPERÁRIOS

Em segundo lugar penso que é fundamental e seguindo o rumo da nossa Revolução, garantir que os representantes do Povo sejam os camponeses e os operários, que sejam aqueles que foram mais explorados. É necessário garantir que a direcção do País esteja de facto nas mãos daqueles que fazem a Revolução, que podem fazer a revolução de uma maneira consequente. Neste caso concreto, as Comissões Populares de Bairro em Luanda devem ter uma percentagem de trabalhadores, operários, honestos e revolucionários. Se não for assim, estaremos logo de início a ser infiéis à ideia do Poder Popular.

No entanto, dentro dos nossos objectivos devemos considerar que o poder político é uma base de partida. O poder político condi-

ciona as relações económicas e sociais. E quando desejamos transformar a nossa sociedade, temos de ter em conta a mudança do modo de produção, o desenvolvimento económico, que são os alicerces sobre os quais assenta o poder político. Por isso aqui, no caso concreto de Luanda, temos de apoiar as medidas que estão a ser tomadas para que haja maior participação no trabalho produtivo. Vamos apoiar as campanhas do café e do açúcar. Vamos participar. Vamos, em todo o País e em todos os sectores, aumentar os níveis de produção.

É NECESSÁRIO AUMENTAR A PRODUÇÃO

Só os inconscientes e os sabotadores ainda não compreenderam a nossa capacidade de produzir, de aumentar a capacidade económica do País, que é uma base essencial para o Poder Popular. Eliminando o sistema de exploração do homem pelo homem, este tem de produzir para si mesmo. Tem de ter consciência do que representa o trabalho para si mesmo. Tem de ter consciência da força de trabalho que possui.

É natural que os operários e camponeses angolanos tenham baixado a sua produtividade. Ao saltar o tampão colonialista, a vaga massiva do Povo é no sentido de viver

em liberdade política, esquecendo a necessidade de trabalho e de reconstrução. Mas, ao aceitar como natural este fenómeno, não nos é permitido fechar os olhos. Temos de fazer um grande trabalho de politização das massas trabalhadoras, no sentido de estas compreenderem de uma maneira activa, a necessidade de aumentar a produção. Nesta primeira fase, o nosso objectivo é antigir os níveis mais altos do tempo colonial.

As fábricas, as oficinas, as fazendas, todas as unidades de produção, devem aumentar o seu trabalho, a sua produção.

Cada operário, cada camponês, cada funcionário deve estar consciente da necessidade de aumentar rapidamente a produção industrial, agro-pecuária ou burocrática. Cada trabalhador, cada cidadão deve compreender a necessidade de conservar e não de destuir as máquinas, as ferramentas e os animais. Numa palavra: os bens que pertencem ao Povo.

AS RELIGIÕES ANTI-NACIONAIS

Em terceiro e último lugar é necessário afastar os fenómenos secundários impeditivos do progresso social.

Há fenómenos subjectivos que é necessário afastar, como certas religiões anti-humanas e anti-nacionais, certos feiticeiros

até, profetas de última hora, ou simplesmente camaleões, cujo objectivo é impedir a marcha para a frente da nossa Revolução. Os organismos do Poder Popular têm o dever de os combater constantemente, para que não haja desvio ou atropelos na linha que desejamos seguir.

Que cada um trabalhe segundo a sua capacidade e patriotismo, é o nosso dever.

Camaradas, a Revolução angolana avança com o concurso de todo o Povo.

TAREFAS IMEDIATAS

As tentativas externas de acção contra a integridade do nosso território nacional, contra o Povo angolano, contra o progresso, não poderão ter os resultados que os nossos inimigos esperariam. No plano interno nós temos, por isso, de ter em consideração os vários desníveis sociais, políticos e económicos existentes actualmente entre as várias regiões do País.

Vamos prestar uma atenção particular á acção para eliminar completamente os grupos de bandidos agindo no nosso território, em centros urbanos ou rurais. E quando mais cedo, melhor.

Vamos edificar a nossa economia á luz das concepções socialistas de produção, preenchendo com a maior urgência e vigor, cada fase estabelecida.



EDIÇÃO DO
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E
PROPAGANDA
D. I. P.